



**FUNDAÇÃO UNIVESIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE UNIDADE DE JARDIM-MS
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/ INGLÊS**

MARIANE ALCARÁ DIAS

**O FEMINISMO SUL-AFRICANO EM *HIBISCO ROXO*, DE
CHIMAMANDA ADICHIE.**

Jardim – MS

2017

MARIANE ALCARÁ DIAS

**O FEMINISMO SUL-AFRICANO EM HIBISCO ROXO, DE
CHIMAMANDA ADICHIE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Jardim - MS, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras-inglês.

Orientador: Prof. Dr. NEURIVALDO CAMPOS PEDROSO JUNIOR.

Jardim - MS

2017

DIAS, Mariane Alcará.

O FEMINISMO SUL-AFRICANO EM *HIBISCO ROXO*, DE CHIMAMANDA ADICHIE./Mariane. Jardim, MS: UEMS, 2017.

Monografia (Graduação) – Letras-Português/ Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2017.

Orientador: Prof. Dr. NEURIVALDO CAMPOS PEDROSO JUNIOR.

1. Feminismo Africano 2. Nigéria 3. Chimamanda Adichie.

ed. 29.11.2017

MARIANE ALCARÁ DIAS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS – INGLÊS

**O FEMINISMO SUL-AFRICANO EM *HIBISCO ROXO*, DE
CHIMAMANDA ADICHIE.**

Orientador: Prof. Dr. NEURIVALDO CAMPOS PEDROSO JUNIOR.

APROVADO EM: ___/___/___

Prof.^a Évellyn Coêlho Paini Webber
UEMS/Jardim

Prof.^a Me. Roseli Peixoto Grubert
UEMS/Jardim

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia a minha mãe, Cleyde e ao meu pai, Sandro, que são as pessoas mais importantes da minha vida.

Às minhas irmãs, Adriane e Suzi, ao meu irmão, Felipe, que são meu alicerce e por quem tenho um amor maior que o mundo.

Ao meu namorado Alessandro, pelo companheirismo e apoio prestado a mim no decorrer da minha trajetória acadêmica.

Às minhas amigas de graduação, Katielly e Rosileni, por todo o apoio e parceria durante este percurso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças em todos os momentos, principalmente nos mais difíceis, quando achei que não pudesse prosseguir. E por ter permitido que eu concluísse esta etapa tão árdua e concretizasse este sonho.

Aos meus pais, Cleyde e Sandro, que são essenciais em minha vida e também foram fundamentais no processo de graduação. São os meus maiores exemplos de determinação e nunca mediram esforços para que eu alcançasse meus objetivos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Junior, que com todo apoio, paciência e dedicação, ajudou a tornar o meu sonho possível. Agradeço por ter me encantado com suas aulas, me permitindo viajar por mundos literários que humanizam a alma. Agradeço também, por ter me apresentado o meu objeto de estudo, e por ter abraçado meu desejo de pesquisa.

À minha querida amiga, Katielly Ferreira de Souza Salazar, parceira de graduação que nunca poupou esforços para me ajudar nesse processo e esteve ao meu lado nos melhores e piores momentos me dando todo apoio quando mais precisei.

A todos, muito obrigada!

Resumo

A presente monografia intitulada “O feminismo sul-africano em *Hibisco roxo* de Chimamanda Ngozi Adichie” apresenta o movimento feminista na África, que ajudou as mulheres africanas, principalmente as escritoras, a dar voz às mulheres que foram por muito tempo oprimidas através de diversas formas, especialmente no processo de colonização do povo nigeriano. Chimamanda Adichie é uma das autoras, nigerianas e feministas, que se destaca no cenário literário mundial por retratar, em suas obras, temas relacionados ao processo de pós-colonização, como as marcas deixadas pelos colonizadores no povo nigeriano. Em sua obra, *Hibisco roxo*, que será analisada no terceiro capítulo, a autora Adichie dá voz às mulheres africanas e resgata a identidade própria do seu povo. Para o desenvolvimento desse trabalho será utilizada metodologia compatível com o objeto de análise, por isso esse trabalho será desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Chimamanda Adichie. Feminismo. Pós-colonialismo.

ABSTRACT

The present work intitled “O feminismo sul-africano em *Hibisco roxo* de Chimamanda Ngozi Adichie” discuss the feminist moviment in Africa, that helped many women, mainly the writers, to give voices to those who had been for a long time opressed by many ways. Specially in the processo f colonization of the Nigerian people. Chimamanda Adichie is a nigerian, feminist writer that has gained notoriey in the literary worldwide scnerio for portray em her works themes related to the poscolonization process, such as the marks left by the colonizer in the Nigerian people. In her work *Hibisco Roxo*, that will be analyzed in the third chapter, the writer Adichie gives voice to the African women and redeems the identity of her own people. To the development of this work it will be used appropriate methodology, and this work will be developed by the bibliographical research.

Keywords: Chimamanda Adichie; Feminism; Postcolonialism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – A ASCENSÃO DA NIGÉRIA NA LITERATURA: AS TRADIÇÕES POR MEIO DA ESCRITA.....	11
1.1– MOVIMENTOS AFRICANOS: EM BUSCA DE AUTONOMIA	11
1.1.2 – NEGRITUDE.....	12
1.1.3 – Francofonia	12
1.1.4 – Pan-africanismo	13
1.2– NIGÉRIA: RESGUARDADA NAS LINHAS DE SEUS FILHOS.....	14
1.3– CHIMANDA ADICHIE	15
CAPÍTULO II - FEMINISMO AFRICANO.....	20
2.1 – O FEMINISMO NA LITERATURA AFRICANA.....	20
CAPÍTULO III – ANÁLISE DA OBRA <i>HIBISCO ROXO</i>.	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

A presente monografia objetiva analisar o feminismo presente na obra *Hibisco roxo*, de Chimamanda Adichie. Uma das obras que traz, em suas páginas, uma Nigéria pouco conhecida e sufocada pelos colonizadores.

Esta monografia está dividida em três capítulos, cujo primeiro aborda o percurso literário dos escritores nigerianos, apresentando as marcas e os efeitos deixados pelos colonizadores no povo nigeriano por conta do período de colonização. Os colonizadores lhes impuseram seus costumes, crenças, língua, entre outras coisas, silenciando a voz do povo nigeriano, por um longo período de tempo.

Houve alguns movimentos literários que contribuíram para uma libertação dos escritores africanos, como os movimentos: negritude, francofonia e pan-africanismo. Os autores africanos foram ganhando espaço no cenário mundial e, assim, resgatando uma identidade literária própria da África.

Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana e feminista, enfatiza em suas obras temas que enaltecem seu povo e que dão voz à mulher africana. Mulher esta que, ao longo dos anos, foi silenciada por diversas formas, como a opressora, a religiosa, a econômica, a política, tanto por seus companheiros, como pelos colonizadores.

No segundo capítulo será apresentado à luta das feministas africanas por direitos de igualdade e por uma identidade própria. As feministas africanas posicionaram-se contra as feministas ocidentais, que por muito tempo criaram um estereótipo das mulheres africanas e pregaram que independente do país, todas sofriam com os mesmos problemas e lutavam pelas mesmas causas, não levando em conta o contexto e o passado das mulheres africanas, como será abordado neste capítulo.

No terceiro capítulo será realizada a análise do romance *Hibisco roxo* de Chimamanda Adichie, obra que se passa em uma Nigéria pós-colonial. A autora mostra como as marcas deixadas pelos colonizadores refletem dentro da família da jovem Kambili, narradora protagonista do romance.

Na obra podemos presenciar os aspectos sociais, políticos e educacionais da Nigéria, bem como o feminismo que, através de algumas

personagens, consegue valorizar a mulher africana, pela liberdade e independência conquistada.

CAPÍTULO I – A ascensão da Nigéria na Literatura: as tradições por meio da escrita

A república Federal da Nigéria é o país mais povoado do continente Africano. O mesmo é composto por uma variedade tamanha de povos, de quinhentas e vinte e nove etnias diferentes.

A independência total da Nigéria ocorreu no dia 01 de Outubro de 1960, quando deixou de ser colônia da Inglaterra. Por esse motivo, a Nigéria tem o Inglês como sua língua oficial. A mesma apresenta uma tradição literária que a diferencia de outros países por retratar seu próprio percurso literário.

Autores africanos, do período pós-colonial, usam como tema contínuo a colonização da África durante o final do século XIX, como as desavenças entre o colonizador e colonizado.

Quando o continente africano se encontrava sob o domínio das potências europeias, a literatura era controlada pela elite, no caso os colonizadores. Todas as publicações de textos e obras eram controladas para que não fosse denunciada qualquer situação que apresentasse a opressão causada pelos colonizadores ao povo africano.

No texto intitulado “Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais”, o autor Thomas Bonnici discorre que “Na era colonial, a literatura na colônia estava sob o controle direto da classe dominante, que emitia parecer sobre a forma literária e controlava a publicação e distribuição do texto.” (BONNICI, 1998, p.15)

1.1– Movimentos africanos: Em busca de autonomia

É importante ressaltar alguns movimentos que surgiram na África, por volta dos anos 1920 e 1930, motivados pela busca dos escritores por uma cultura e uma literatura própria.

Havia aqueles, como Wole Soyinka, que não acreditava nesses movimentos, por pensar que os mesmos reduziriam a África a algo conciso. Em

contrapartida, havia o grupo que apoiava toda tentativa de autonomia africana. Resende diz que:

O nigeriano Wole Soyinka (1976), ao analisar tais correntes, afirma que as mesmas estavam condenadas ao fracasso, já que representavam uma simplificação idealizada e acrítica de uma África unificada. Alguns teóricos se posicionaram contrários ao pensamento de Soyinka, destacando-se entre eles Chinweizulbekwe e seus colaboradores, os quais afirmavam que a defesa da africanidade era necessária, pois a literatura africana carecia de uma identidade própria. Dessa forma, destroem-se as conexões coloniais e se estabelecem novos parâmetros para a modernidade. (RESENDE, 2013, p 41)

1.1.2 – Negritude

Nesse processo, surge a “Negritude”, que exige, da África, identidade cultural e literária próprias. Esse movimento queria libertar o país das influências coloniais que apagavam e oprimiam a identificação da literatura africana. O movimento acabou salientando a literatura e a força do país. Resende explana que:

[...] Como uma proposta de comportamento filosófico/cultural, a negritude foi inicialmente manifestada por Aimé Césaire [...] Na década de 1950, o movimento da negritude se firma sobre três pilares: a consciência nacionalista africana, a união entre literatura e oralitura e a recuperação ou reivindicação da imagem tradicional africana [...] (RESENDE, 2013, p. 40-41)

1.1.3 – Francofonia

A Francofonia visava manter a linguagem das velhas colônias francesas. No entanto, estudiosos da época enxergavam o movimento como uma forma de ocultar o processo de aculturação¹. Ou seja, a Francofonia não cumpriria a

¹ Quando duas culturas entram em contato, por conseguinte ocorre que uma delas ou ambas sofrem modificações.

proposta de cultura e literatura autêntica africana, pois o francês estaria entranhado no meio das manifestações.

E percebiam também como uma maneira de dominação das grandes potências em relação aos países colonizados.

Outro movimento cultural relevante consistiu na 'francofonia', conceito ideológico/político que visava preservar a unidade lingüística das antigas colônias francesas e a metrópole. Essa postura intelectual foi recusada por alguns estudiosos que a viam como uma forma de neocolonialismo, um meio de mascarar o processo o processo de aculturação. (RESENDE, 2013, p. 41)

1.1.4 – Pan-africanismo

Este movimento procurava resgatar a integridade e a História dos africanos. Autores da época se colocavam contra as obras publicadas em outras línguas que não fossem a africana, pois o uso da língua dos colonizadores era uma imposição, por isso optavam por escrever com seus próprios dialetos.

Entretanto, outros escritores eram contrários a essa ideia e viam esse método de escreverem em outro idioma como uma forma de atingirem um número maior de leitores e defendiam o uso da língua inglesa como a nacional.

Esses movimentos contribuíram para que houvesse uma libertação dos escritores africanos. Os autores pós-coloniais puderam por em prática suas escritas, muitos deles exaltando a beleza e integridade de seu povo. As escritas modernas formaram-se por uma junção da literatura tradicional africana e as que foram trazidas pelos colonizadores. Sheila Dias Da Silva comenta que

[...] a escrita africana moderna formou-se da mistura dos [...] tornando-se, assim, uma manifestação híbrida de contornos particulares. Já que a África é um continente de múltiplas culturas e inúmeras línguas (SILVA, 2014, p.38)

1.2– Nigéria: resguardada nas linhas de seus filhos

A literatura nigeriana possui uma tradição que começou com poesias escritas pelos mulçumanos que por muito tempo residiram no país. A oralidade sempre foi uma das principais características das diversas manifestações literárias.

Há diversos autores que fazem uso dos dialetos presente no continente africano, tais dialetos se destacam e possuem forte tradição, como dos povos iorubas e Ibo. Mesmo tendo o Inglês como a língua oficial, essas línguas são usadas por boa parte do povo nigeriano.

Diversos são os autores que se destacaram em toda à África, como o grandioso e sábio escritor que deu o passo inicial na tradição literária nigeriana, Chinua Achebe, como aponta Resende: “Um fator determinante para o impulso da atividade literária na Nigéria foi, sem dúvida, a publicação de *Things Fall Apart*, em 1958, por Chinua Achebe” (RESENDE, 2013, p. 42)

O autor contempla em suas obras as crenças religiosas existentes na África e sempre traça um paralelo entre os costumes de seu povo e os ingleses. Chinua Achebe acredita que o período pós-colonial serviu para que a literatura africana ganhasse força e que tal literatura ajudou no processo de descolonização de vários países africanos. Silva complementa: “Nesse sentido, a literatura africana de língua inglesa, desde o seu início pertence ao conjunto de textos escritos que chamamos de pós-coloniais.” (SILVA, 2014, p.37-38)

O modelo de escrita dos autores nigerianos destaca-se pelo uso de suas próprias experiências em suas escritas para relatarem suas vivências e histórias de seu próprio povo. Isso ocorre desde o período da colonização até os dias de hoje. O romance africano surgiu como um apelo dos escritores para questões voltadas ao processo de colonização, pois os mesmos queriam resgatar suas identidades e dar ênfase na sua própria história. Carbonieri, Freitas e Silva discorrem que

O romance africano nasce como uma herança da colonização européia, mas também como um grito de revolta, um ato de resistência cultural, abrindo aos povos colonizados a possibilidade de afirmar sua identidade e narrar sua própria história. (CARBONIERI, FREITAS E SILVA, 2013, p. 2)

Os autores afirmam que apesar de todo romance ser híbrido, o romance pós-colonial é híbrido de uma forma diferente, pois

[...] a hibridização está intimamente ligada ao encontro (ou confronto) entre culturas [...] O choque do enfrentamento entre colonizadores e colonizados, [...], não se restringiu às inter-relações pessoais ou políticas [...] (CARBONIERI, FREITAS E SILVA, 2013, p.8)

Essa mistura de percepções foi inserida na literatura, nos romances pós-coloniais que enalteciam o confronto entre colonizado e colonizador, “[...] transformando-a num híbrido entre visões, posições e questionamentos distintos.” (CARBONIERI, FREITAS E SILVA, 2013, p.8)

1.3– Chimanda Adichie

Um nome que vem se destacando no cenário mundial, através de seus romances é o da autora Chimamanda Ngozi Adichie, uma jovem escritora nigeriana. Nasceu em 1977, provinda de uma família de classe média e intelectual, filha do casal Grace Ifeoma e James Nwaye Adichie.

Seu pai e sua mãe trabalhavam na universidade de Nsukka, cidade na qual Chimamanda Adichie passara sua infância no campo universitário. Isso fez com que a escritora crescesse em um ambiente diferente do estereotipado por boa parte do mundo, que fazem do continente africano um lugar de guerras e misérias.

Aos dezenove anos, em 1996, a autora emigrou para os Estados Unidos, onde estudou na Universidade Estatal de Eastern Connecticut o curso de Comunicação e Ciências Políticas em 2001.

Em seguida, cursou mestrado em Escrita Criativa na universidade de John Hopkins em Baltimore. No ano de 2008, pela universidade de Yale, por conseguinte a escritora completou outro curso de mestrado em Estudos Africanos. Hoje, a autora divide seu tempo entre seu país de origem e os Estados Unidos.

Chimamanda Adichie é uma escritora feminista e participa de várias palestras e eventos importantes para a literatura mundial. Neles, a autora sempre dá ênfase nas questões relacionadas às diferenças de gêneros, e defende a igualdade de direitos para homens e mulheres.

Adichie sempre mostra como exemplo sua trajetória de vida. A escritora relata que, inúmeras vezes, questionou-se o porquê do tratamento diferenciado que as mulheres recebem em relação aos homens, em diversas partes do mundo.

Por expressar suas ideologias, atualmente Chimamanda conquista mais e mais prestígio no cenário mundial, anunciada em diversos eventos como a nova voz da literatura nigeriana. Ela utiliza em suas obras temas que apresentam a identidade, as diversidades, as diferentes crenças e religiosidades de seu povo.

A autora procura representar imagens de uma África diferente da retratada pelo Ocidente. Percebe-se que a autora busca ressaltar a própria identidade africana.

Ao contar várias histórias sobre um mesmo lugar, Chimamanda Ngozi Adichie prioriza, em sua escrita, uma diversidade temática da África e principalmente de seu país de origem. A preocupação da autora em negar os estereótipos africanos criados pelo imaginário ocidental tem como influência significativa sua experiência de vida. (TEOTÔNIO, 2013, p.58)

Suas obras já foram traduzidas para mais de 30 línguas. Algumas de suas principais obras são: “Meio Sol Amarelo” (2008), “Americanah” (2014), “Sejamos Todos Feministas” (2015) e “Hibisco roxo” (2003)

Seu romance *Hibisco roxo*, publicado em 2003, ganhou o prêmio Commonwealth Writers' Prize for Best First², em 2005. Os acontecimentos da obra se passam em uma Nigéria pós-colonial, narrada por uma jovem chamada Kambili, que narra suas descobertas e experiências vividas dentro e fora do ambiente familiar. A personagem Kambili passa por transformações que, de alguma maneira, estão relacionadas às plantas, especificamente ao hibisco

² Prêmio de melhor escritora.

roxo. A jovem nigeriana mostra as mudanças ocorridas com as plantas no decorrer da narrativa, e as mudanças que ocorrem com ela própria tanto físicas quanto intelectual.

Nesta narrativa podemos conhecer a realidade educacional, social e política da Nigéria. Seu pai, Eugene, um homem autoritário e agressivo, porém religioso, fundamentalista católico e devoto à congregação, impõe à sua família que sigam o seu exemplo, desenhando assim, um retrato do período pós-colonial que sofreu com os rastros deixados pelo colonialismo. Veremos mais detalhadamente este assunto no terceiro capítulo, quando analisarmos a obra *Hibisco roxo*.

Críticos literários procuram retratar Chimamanda como uma autora negra, feminista e afro-americana. No entanto, a autora não aprova tais definições dizendo que, tanto ela quanto qualquer outro escritor, não precisam de rótulos para qualificarem-se, pois deixam de lado o que realmente importa, que são suas identidades. “Como afirma a própria escritora, estas generalizações são bastantes redutoras porque deixam de fora muitos aspectos que são relevantes na própria identidade de pessoas.” (SOARES, 2014, p.52)

Conforme a autora apresenta seus personagens, o leitor vai traçando um parâmetro do continente africano, principalmente da Nigéria onde se passam a maioria de suas narrativas.

O processo marcado pela independência de um povo, anteriormente colonizado pelos ingleses, se mostra presente nas obras da escritora. O rastro que os colonizadores deixaram entre os africanos, é apresentado por Chimamanda Adichie em seus personagens que são bastante diversificados. Rafaella Cristina Alves Teotônio comenta

Em seus romances, a variedade de personagens só enriquece a complexidade de suas histórias e torna fiel a representação do hibridismo de seu país. No universo de suas histórias, podemos encontrar pessoas ricas e pobres, vindas de cidades ou aldeias, instruídas e não instruídas, intelectuais, mulheres submissas, mulheres empresárias, estrangeiros e alienados pela cultura europeia. (TEOTÔNIO, 2013, p.58)

Em uma de suas conferências realizada no ano de 2009, no TED, evento norte-americano que procura inspirar pessoas com suas palestras e debates, Chimamanda Adichie discursa sobre o “perigo de uma História só”, quando apenas um lado é levado em consideração.

Em sua fala Adichie cita exemplos de sua própria infância, quando cresceu lendo romances britânicos e norte-americanos, acreditando nos autores que geralmente traziam histórias felizes, personagens de pele branca, olhos claros e lugares muito diferentes da realidade de seu país. O que lia e escutava eram histórias em que os colonizadores relatavam sobre seu continente.

Adichie, em seu discurso, fala da importância de ressaltar a história do povo nigeriano, e não somente as que foram relatadas pelos colonizadores, que criaram um estereótipo equivocado, para o resto do mundo, em relação ao continente africano.

As coisas mudaram quando eu descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e nem eram tão fáceis de encontrar como os estrangeiros, mas devido a escritores como Chinua Achebe eu passei por uma mudança mental em minha percepção da literatura. Eu percebi que pessoas como eu, meninas com a pele de cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam formar rabos-de-cavalo, também podiam existir na literatura. (O perigo de uma história só, Chimamanda Adichie, 2009)

Um dos temas presentes nas obras de Adichie é a alteridade, ou seja, a capacidade de nos colocarmos no lugar de outra pessoa, respeitar as diferenças de cada indivíduo e acima de tudo aprender com elas.

Em seus romances, principalmente no *Hibisco Roxo* nota-se a preocupação da autora em retratar a história de cada personagem, levando assim os leitores a uma reflexão sobre diferentes temas abordados dentro da obra. Temas muitas vezes repugnantes e que estabelecem uma ligação do leitor com os personagens da sua produção.

Chimamanda Adichie procura mostrar os diferentes lugares de seu país que é constituído por diversidade, como os espaços urbanos e rurais, personagens escolarizados e não escolarizados, entre outras.

No debate acerca da alteridade, tema presente nas obras de Adichie, pode-se perceber um recurso que leva o leitor a compreender a contemporaneidade dos debates sociais e culturais africanos a partir das relações internas entre os personagens. Esse jogo entre o local e o global, privado e público, revela a tentativa da autora em aproximar o leitor, familiarizá-lo com as situações vividas pelos personagens. (TEOTÔNIO, 2013, p.62)

Na obra *Hibisco roxo* percebe-se a relevância, apontada pela autora, de diversos lugares como a cidade, ou melhor, os bairros mais luxuosos onde concentram-se a maior parte da elite, como militares, religiosos católicos, pessoas na maioria das vezes bem sucedidas. Também os vilarejos, onde se encontram a maior parte dos habitantes tradicionalistas que não aceitam as crenças trazidas pelos colonizadores e mantêm suas culturas, crenças e costumes.

Chimamanda Ngozi Adichie foi diversas vezes premiada, em importantíssimos eventos da literatura mundial. Por ser uma autora que surge no cenário literário questionando todos os estereótipos criados a respeito de seu povo durante séculos, Adichie dá voz àquela minoria que, por décadas, viu-se obrigada a permanecer calada. Ela defende suas raízes e escreve exaltando a cultura do seu povo, do povo nigeriano que por muito tempo foi silenciado pelos opressores ocidentais.

CAPÍTULO II - FEMINISMO AFRICANO.

Feminismo é um movimento social e político, cujo objetivo é a conquista das mulheres por direitos iguais aos dos homens. O movimento surgiu através de manifestações femininas para que suas vozes fossem ouvidas, buscando assim, os mesmos direitos, acessos e liberdade que os homens sempre tiveram no decorrer da história.

Surgiu entre o final do século XIX e início do século XX, contra toda a opressão aos posicionamentos tanto religiosos, políticos, domésticos, entre outros que no passado eram impostos às mulheres. “O posicionamento feminista visa, sumariamente, à emancipação das mulheres da opressão política, econômica, cultural, social, física e fisiológica.” (BAMISILI, 2012, p.73).

Mesmo tendo passado um século de sua criação, o feminismo continua presente, lutando por direitos numa sociedade que ainda hoje é predominantemente machista.

As mulheres, principalmente as africanas, estão dando voz, através da literatura, às questões que anteriormente ficavam submersas e eram dominadas por escritores homens. Sunday Adetunji Bamisili comenta que:

Tem uma longa história de luta contra a opressão, reivindicação de vitórias obtidas em épocas passadas e de renovação de uma velha tradição do pensamento emancipador e da acção das mulheres, que se encontra inscrita nas várias obras das suas importantes mentoras. (BAMISILI, 2012, p. 73)

2.1 – O feminismo na literatura africana.

A busca maior das feministas é a de igualdade em relação aos homens. Podemos encontrar essa luta pelos mesmos direitos em obras literárias de autoras feministas, onde a mulher ganha voz e protagonismo, denunciando, assim, as realidades políticas, religiosas, social e educacional, como as obras da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie citada no primeiro capítulo.

Vemos que o feminismo, enquanto conceito, em prol das mulheres, tenta conseguir para elas um estatuto de reconhecimento de igualdade. Este reconhecimento pode ser concebido como consequência das doutrinas feministas presentes em obras literárias, em que as mulheres desempenham os papéis predominantes, usando uma linguagem que promove o esclarecimento, em resultado de uma maior consciência sobre as realidades sócio-política. (BAMISILI, 2012, p.76)

Na África, após o processo de colonização, as mulheres não tinham voz para expor o que sentiam, eram completamente submissas aos seus maridos. As mulheres já sofriam por viverem sob a dominação colonial e patriarcal, que lhe impuseram seus costumes, crenças, políticas, língua, entre outros.

Também sofriam dentro de casa, por viverem sob a dominação de seus companheiros. Thomas Bonnici ressalta essa questão, comentando que: “se o homem foi colonizado, a mulher, nas sociedades pós-coloniais, foi duplamente colonizada.” (BONNICI, 1998, p.13). Através dos primeiros movimentos feministas no continente africano, puderam ser levantadas discussões a respeito desse formato de dominação que as mulheres viviam.

O feminismo conseguiu denunciar situações ocorridas no período pós-colonial, por exemplo, como o modo que as mulheres africanas eram tratadas numa sociedade de dominação masculina. As feministas do continente africano, a partir das discussões a respeito do pós-colonialismo, começaram a se opor aos discursos do feminismo ocidental. Thomas Bonnici comenta que

Nestes debates, o feminismo trouxe à luz muitas questões que o pós-colonialismo havia deixado obscuras; outrossim, o pós-colonialismo ajudou o feminismo a precaver-se de pressupostos ocidentais do discurso feminista. (BONNICI, 1998, p.13)

As feministas ocidentais criaram o termo “irmandade” para se referir à união de todas as mulheres do mundo, por direitos iguais. Porém, em obras publicadas entre os anos 70 e 80 a respeito do feminismo, ao se referirem às feministas, utilizavam sempre às características das mulheres ocidentais,

mulheres brancas de classe média alta que buscavam oportunidades de emprego e a luta para ingressarem na vida acadêmica.

Os padrões em que viviam as mulheres brancas eram totalmente o contrário das mulheres negras, que eram obrigadas a trabalharem desde muito cedo para ajudar no sustento a família. Isso criou um estereótipo, como se todas as mulheres do mundo fossem brancas, com boas condições financeiras, que passavam horas a lerem romances, mães perfeitas, entre outras. Natalia Telega Soares afirma que

[...] A noção de irmandade promovida por feministas brancas assentava na crença de que todas as mulheres sofriam do mesmo tipo de opressão (patriarcal) pelo que se revelou, graças ao trabalho efetuado por várias feministas negras, um conceito vazio, falso e hipócrita. (SOARES, 2014, p. 5)

Por conta disso, as feministas africanas elevaram voz à causa de que não é porque eram todas mulheres e lutavam por direitos iguais que seriam todas unidas.

As mulheres afro-americanas também se viram totalmente contra este pensamento feminista ocidental, pois desta forma as mesmas e todas as outras mulheres com outros tons de peles foram totalmente ignoradas e esquecidas. Por isso, diversas autoras negras levantaram a voz, através de obras publicadas, para darem às mulheres negras que moravam ou não nos Estados Unidos o respeito e valor que mereciam.

Contra essa tradição de apagamento histórico e cultural das mulheres negras nos Estados Unidos levantaram-se várias intelectuais negras fazendo o trabalho que visava colocar as mulheres negras no centro do movimento feminista, devolvendo-lhes o valor que mereciam. (SOARES, 2014, p. 8)

Um dos motivos da ruptura das feministas negras com as brancas foi em relação ao homem. As mulheres negras apontavam que as brancas queriam que ocorresse uma exclusão dos homens, pois estas viam os homens como os responsáveis pela maneira que se encontravam no momento.

Porém, as feministas negras não se convenceram com tal posição das mulheres brancas, pois para as mulheres negras os homens eram muito mais que seus maridos, eram seus irmãos e companheiros na luta contra qualquer tipo de preconceito, principalmente o racial.

[...] Além das diferentes realidades do cotidiano vividas por mulheres desfavorecidas e menos privilegiadas, registaram-se algumas propostas no pensamento feminista branco que não se adequaram à mentalidade e à cultura das mulheres negras. Houve e continua a haver leituras diferentes das realidades e das experiências. Um dos pontos de ruptura ou de separação entre as feministas brancas e negras é a atitude perante homens. (Joseph & Lewis, 1981). Na ótica das mulheres negras, as feministas brancas fizeram o necessário para se separarem dos homens [...] Porém, não convenceu as mulheres negras que não queriam e não podiam criar o seu próprio mundo separado dos homens. Devemos ter presente aqui, para as mulheres negras, os homens eram irmãos na luta contra a discriminação racial e era com eles que faziam todos os esforços para sobreviver no seio da sociedade racista. (Joseph & Lewis, 1981) [...] (SOARES, 2014, p.18-19)

Para o feminismo ocidental, as mulheres negras eram vistas como coitadas, que viviam caladas numa situação de precariedade extrema. Isso fez com que as feministas africanas ficassem conhecidas como Outras e como vítimas em boa parte do mundo, fazendo com que as histórias e experiências de vida fossem silenciadas.

As feministas brancas se aproveitavam da situação para “ajudar suas irmãs” que viviam em situação de descaso num país de Terceiro Mundo. Por conta disso, as mulheres negras se viram obrigadas a lutar contra esta visão do pensamento ocidental, pois as mesmas desde muito cedo, trabalhavam e lutavam por uma vida digna e não aceitaram serem vistas como vítimas que não tinham voz para lutar contra o sistema opressor. “O feminismo do terceiro Mundo não é, de forma alguma, a imitação do feminismo ocidental.” (SOARES, 2014, p.24), ambos possuem em comum a luta contra a opressão às mulheres e a busca por igualdade de direitos “Mas, sejam quais forem às diferenças perceptíveis entre feminismo negro e branco, não pode haver dúvida de que

ambos partilham certas atitudes estéticas e idênticos propósitos.” (BAMISILI, 2012, p.83).

As feministas negras, além disso, necessitavam lutar contra várias questões existentes no país, como serem vistas como outra, racismo, machismo e com os rastros deixados pelos colonizadores no povo africanos.

Se há, no entanto, semelhanças entre as maneiras como (re)agem as feministas ocidentais e do Terceiro Mundo, isto explica-se pelo facto de existirem certas formas de opressão e subjugação de mulheres, tanto no mundo ocidental como no Terceiro Mundo. (SOARES, 2014, p. 24)

Outro ponto em comum entre feministas africanas e ocidentais é a luta por uma posição na sociedade que vai além de mães e esposas, a busca por dias mais fáceis sem o peso de tarefas domésticas, procurando assim serem vistas e reconhecidas pelos trabalhos e atividades exercidas.

As feministas africanas insistem, tal como as ocidentais, no facto de que as mulheres deviam ser capazes de se afirmar para além da sua condição de esposa e mãe. Outro aspecto em que há concordância de objectivos é na necessidade de se tornar mais fácil a vida diária e o peso das tarefas acometidas à mulher. (BAMISILI, 2012, p.102)

Vários críticos dizem que o feminismo é um movimento que foi importado para a África. Sendo assim, as mulheres e até mesmo os homens que apreciam tal movimento são considerados traidores por pregarem uma ideia do Ocidente.

Porém, tal visão não condiz com a realidade, pois as mulheres negras sempre estiveram na luta para conquistar seu espaço. As mesmas nunca quiseram ocultar sua própria identidade e história. Tanto o feminismo ocidental, quanto o africano estão em busca de propósitos, muitos em comuns, mas cada qual, procura dar valor na sua cultura e passado.

Outros críticos do feminismo argumentam que, se há homens e mulheres africanos que simpatizam com o feminismo, eles são traidores que se venderam às ideias do ocidente. Este tipo de observação representa o receio de quem acha que o feminismo é algo que foi importado para África e que levará à ruína do tipo

de relações existentes em África entre homens e mulheres. Esta forma de pensar insinua que quem se assumir como feminista estará a negar implicitamente a sua identidade africana e a ser vítima da colonização de pensamento. Se é verdade que a existência do feminismo em África é hoje influenciada pelo feminismo ocidental, não devemos esquecer-nos de que a força das mulheres em África - através do modo como, há muito tempo, se organizam as estruturas familiares com linhagens matriarcais - é um exemplo de afirmação de poder das mulheres, que deve ser tido como inspirador das possibilidades de mudança por que se bate o feminismo euro-americano. E nesta perspectiva o feminismo não pode ser encarado como algo que é importado [...] (BAMISILI, 2012, p. 85)

O movimento feminista entre as mulheres afro-americanas ganhou força nos anos oitenta, por verem que a pregação do feminismo ocidental não condizia com a realidade em que viviam nos Estados Unidos. As afro-americanas se uniram e criticaram fortemente as mulheres brancas ocidentais. Alguns anos depois, foi a vez do feminismo africano ganhar notoriedade, as africanas exigiam que as feministas ocidentais colocassem em seus trabalhos referentes a elas, questões como o processo de colonização e a trajetória em que foram submissas à elite patriarcal.

Se diz que os anos oitenta do século XX foram a década dos feminismos de mulheres de cor (e dos feminismos afro-americanos), já a década seguinte assistiu ao desenvolvimento dos feminismos africanos. Se os feminismos afro-americanos criticaram fortemente os feminismos brancos de mulheres de classe média por se esquecerem, convenientemente, da realidade e desigualdades com que as mulheres negras se deparavam, os feminismos africanos, por sua vez, lutaram e exigiram do feminismo ocidental incluir na sua análise outros aspetos muito importantes que iam para além das questões de género, tais como colonialismo, etnicidade e imperialismo. (SOARES, 2014, p.32)

Na Nigéria, por volta do ano 1929, as mulheres ibos ficaram conhecidas por se opor a forma de governo, fazendo com que houvesse uma revolta contra os colonizadores, porém quando lhe foram impostos os costumes ocidentais, suas vozes foram sendo silenciadas. Isso prova a luta das mulheres africanas para manterem suas identidades e levantarem questões como à inferioridade em relação aos opressores ocidentais.

As mulheres ibos são reconhecidas por sua militância. É fato que entre os africanos as mulheres empreenderam uma revolta contra o poderio colonial em 1929 e foram classificadas pelo governo britânico como rebeldes. Entretanto, a rebeldia feminina acabou por ser solapada quando os ideais britânicos religiosos, ao serem impostos, conseguiram minar essa mobilidade entre gêneros, o que, conseqüentemente, diminuiu a influência da mulher naquela sociedade. (RESENDE, 2013, p.25)

É importante ressaltar que o feminismo, ao pregar a luta das mulheres por condições igualitárias, muitas vezes acaba criando uma imagem da mulher como se fosse única e acaba não se atentando ao fato de que há diferentes identidades femininas e cada qual com um contexto de vida distinto.

Cada mulher representa diversas classes, raças e etnias, principalmente se atentar às diferentes condições e formas de opressão que por muito tempo as mulheres sofreram e ainda sofrem em diversos lugares do mundo, como as diferenças entre as mulheres africanas e ocidentais.

Ao representar a mulher, o feminismo estabelece uma imagem universal da mulher, construindo uma identidade absoluta ao sujeito feminino, opondo-se ao reconhecimento da diferença existente entre os sujeitos femininos referentes à classe social, raça, etnia e orientação sexual. O feminismo universaliza uma concepção de mulher, ao integrá-la em um todo político, intentando a visibilidade, mas deixa de considerar as especificidades da condição feminina, desconsiderando as diferentes formas de opressão contra esses sujeitos. (TEOTÔNIO, 2013, p.46)

Outrora, a literatura africana era predominante composta de escritores masculinos. A participação das mulheres era mínima, devido ao forte preconceito da sociedade patriarcal. Era inaceitável que escritoras abordassem temas como denúncias ao tratamento recebido pelos colonizadores.

As mulheres, no início da literatura africana só podiam ser mencionadas para fazerem referência a terra. “A África era a grande-mãe, acolhedora dos filhos sofridos. A figura do feminino era utilizada nos textos dos autores como metáfora para a nação, a mãe-terra.” (TEOTÔNIO, 2013, p.49), Portanto a figura feminina era utilizada somente para fazer tal relação, como um símbolo

de representatividade da mãe-terra, a África, que recebia os filhos americanos como uma grande mãe.

Esta tímida participação das mulheres no surgimento das literaturas africanas se devia, justamente, ao fato de abordarem em seus textos a questão nacional, pois, antes, as mulheres nessas literaturas, como já dito, podiam ser vistas somente como objeto simbólico em analogia com a terra protetora, pátria-mãe dos filhos africanos, silenciando a condição feminina numa sociedade em que sofreram duplamente a violência da colonização, pois eram também transformadas em territórios a serem explorados. (TEOTÔNIO, 2013, p.50-51)

Um destaque do feminismo africano é a denuncia das autoras contra as formas de opressão e violência às mulheres presente em tradições conservadoras, que discriminam e causam a exclusão das mulheres.

Escritoras feministas buscam a queda de tais tradições para que haja uma igualdade entre homens e mulheres. “Aquelas tradições que mais discriminam a mulher e que por isso impõem como necessidade mais urgente a sua abolição mais imediata.” (BAMISILI, 2012, p.103)

Portanto, é necessário falar de feminismo no plural, pois não há só uma verdade, há diversos contextos e princípios de diferentes povos, pode-se, até possuir traços em comum, mas não podem ser definidos de maneira iguais, é necessário que cada um defina suas próprias causas e lutas. “Será sempre aconselhável falar-se de feminismos e não de feminismo, atendendo à heterogeneidade do pensamento feminista em África.” (BAMISILI, 2012, p.107)

Na contemporaneidade, as escritoras feministas africanas procuram ressaltar o empoderamento das mulheres negras através de obras que retratam a realidade de uma sociedade que ainda luta contra vários problemas raciais, religiosos, sociais e políticos como veremos a seguir no capítulo III, analisando a obra *Hibisco roxo* de Chimamanda Ngozi Adichie.

CAPÍTULO III – ANÁLISE DA OBRA *HIBISCO ROXO*.

Publicado em 2003, *Hibisco roxo* é um romance que se passa no período pós-colonial. A narrativa acontece na Nigéria que ainda sente os efeitos causados pelo colonialismo ao seu povo.

A protagonista e narradora é a jovem Kambili que, no decorrer da obra, narra como sua família vai lentamente se destruindo, por conta do fanatismo religioso de seu pai Eugene. Na obra podemos conhecer a realidade religiosa, educacional e política da Nigéria pós-colonial.

Kambili é a única filha mulher do casal Eugene e Beatrice, Seu irmão Jaja, é um jovem que, com o passar do tempo, também começa a se questionar sobre o exagero das regras que tinham que obedecer dentro e fora de casa.

Seu pai, um homem autoritário e devoto católico, não aceita outra maneira de criar os filhos que não seja dentro da igreja, nos costumes e crenças católicas. Logo nas primeiras páginas da obra, o leitor pode entender a tamanha devoção de Eugene pela igreja.

Papa se sentava todas as vezes no banco da frente para assistir à missa, na ponta que dá para a nave, com Mama, Jaja e eu junto dele. Era o primeiro a receber a comunhão. A maioria das pessoas não se ajoelhava para receber a hóstia no altar de mármore, perto do qual fica a estátua loura em tamanho real da Virgem Maria. Mas Papa, sim. Ele fechava os olhos e os apertava com tanta força que suas feições se contorciam numa careta, e ele esticava a língua o máximo que podia. (ADICHIE, 2003, p. 9-10)

Percebe-se que no início da obra Kambili já começa a fazer questionamentos para si a respeito de como eram as coisas na sua cidade St. Agnes. Essas indagações a jovem faz apenas para si, o medo não a deixa compartilhar com mais ninguém.

Já o padre Benedict é um jovem padre britânico que, há alguns anos, chega à paróquia e muda as coisas por lá, o que permite notar a imposição da língua ao povo colonizado.

O padre Benedict mudara as coisas na paróquia, insistindo, por exemplo, que o credo e o kyrie fossem recitados apenas em latim; igbo não era aceitável. [...] Mas ele permitia que cantássemos músicas de ofertório em igbo; chamava-as de músicas nativas, e quando dizia 'nativas' a linha reta de seus lábios pendia nos cantos e formava um U invertido. (ADICHIE, 2003, p.10)

Seu pai era proprietário do jornal Standard e dono das fábricas de biscoitos. Possuía muitos bens, era um homem que fazia inúmeras doações para a congregação, hospitais, conventos e a todos os necessitados que viviam em situações precárias.

Em alguns domingos, a congregação prestava atenção mesmo quando o padre Benedict falava de coisas que todos já sabiam, sobre como Papa fizera as maiores doações ao abolo de São Pedro e à igreja St. Vincent de Paul. Ou sobre como Papa pagara as garrafas de vinho usadas na comunhão, os novos fornos do convento onde as irmãs assavam a hóstia e a nova ala do hospital St. Agnes, onde o padre Benedict dava a extrema-unção. (ADICHIE, 2003, p. 11)

Se perante a igreja seu pai é um homem honesto, devoto e um dos membros mais queridos da congregação, dentro de casa ele é o oposto e Kambili começa a narrar o tamanho da violência por ele praticada.

Conforme a protagonista narra, o leitor pode sentir o medo no silêncio da jovem, que se distrai presenciando as árvores de hibiscos crescendo em sua janela. O tempo passa e as árvores crescem, mas a tortura do medo por não poder fazer nada errado, nos desperta os mesmos sentimentos descritos por Kambili.

Sua mãe, uma mulher submissa ao esposo e também católica devota, faz de tudo para cumprir as ordens do marido, e assim ter paz no lar. Sempre que sofre uma violência do marido, Beatrice vai até a sala limpar as estatuetas de mármore. Esse gesto é uma forma que a esposa encontra para depositar todo o sofrimento passado todos esses anos.

Anos antes, quando eu ainda não entendia, eu me perguntava por que ela limpava as estatuetas sempre depois de eu ouvir aquele som vindo do quarto deles, um som que parecia ser de alguma coisa batendo pelo lado de dentro. Os chinelos de

borracha de Mama não faziam barulho nos degraus, mas eu sabia que ela havia ido lá para baixo quando ouvia a porta da sala de jantar sendo aberta. (ADICHIE, 2003, p.17)

Chimamanda Ngozi Adichie descreve Eugene como um exemplo do homem colonizado, que incorpora para si as tradições e costumes anteriormente deixados pelos colonizadores, como a língua e a devoção ao catolicismo.

Ele abomina todas as crenças de seu povo e, acredita que o certo é só o que é falado e pregado pela elite branca. Seu pai, Papa-Nnukwu, um homem tradicionalista nigeriano foi por ele esquecido, por achar que traria má influência à Kambili e Jaja.

Oferecera ajuda, porém com a condição de que seu pai se convertesse ao catolicismo e abandonasse as crenças, como dizia Eugene, pagãs. Eugene só tem contato com sua irmã Ifeoma.

Mesmo não concordando com os ideais dela, era a única que Eugene ainda fazia questão de ajudar. “Eugene é o personagem que representa claramente o apagamento cultural trazido pela colonização e assimilação dos costumes do colonizador [...]” (TEOTÔNIO, 2013, p.64)

Papa quase nunca falava em igbo e, embora Jaja e eu usássemos a língua com Mama quando estávamos em casa, ele não gostava que o fizéssemos em público. Precisávamos ser civilizados em público, ele nos dizia; precisávamos falar inglês. A irmã de Papa, tia Ifeoma, disse um dia que Papa era muito colonizado. (ADICHIE, 2003, p.20)

Beatrice é o exemplo da mulher duplamente colonizada, como Bonnici diz: “Efetivamente, a dupla colonização causou a objetificação da mulher pela problemática da classe e da raça” (BONNICI, 1998, p.14).

Submissa, porém sentindo amor pelo seu marido Eugene, Beatrice é uma mistura de amor misturado com a criação que a mesma herdou, pois foi criada para o casamento e para a família. Por conta disto é que Beatrice aceitava a dominação por parte do marido.

Em um trecho do romance, podemos perceber esse amor e submissão quando a mesma comemora a decisão de seu marido, de não se casar e

possuir uma segunda família. Esse segundo casamento ocorreria por conta dos diversos abortos que Beatrice sofreu e que foram ocasionados pelas agressões físicas de Eugene, no decorrer dos anos.

Depois que você nasceu e eu sofri aqueles abortos, o povo da vila começou a falar. Os membros da nossa umunna até mandaram pessoas para falar com seu pai e insistir que ele tivesse filhos com outra mulher. Tantos tinham filhas disponíveis, muitas das quais formadas em universidades e tudo. Elas poderiam ter parido muitos filhos, tomado conta da nossa casa e nos expulsado, como a segunda esposa do senhor Ezendu fez. Mas seu pai ficou comigo, ficou conosco. (ADICHIE, 2003, p. 26)

A partir deste momento, percebe-se que Kambili começa a questionar para si o tratamento que as mulheres recebem dos homens e não gosta daquela situação de rebaixamento da mulher para com o homem. Kambili foi criada como a mãe.

A obra mostra a realidade política da Nigéria e a opressão ao jornal do pai de Kambili. A corrupção é presente ao ser narrada vários trechos sobre a real situação econômica. O jornal Standard denunciava as formas com que o país vinha sendo governado.

É claro, disse Papa, que os políticos eram mesmo corruptos, e o Standard já publicara muitas matérias sobre os ministros do gabinete que escondiam em contas no exterior o dinheiro que deveria ser usado para pagar os salários dos professores e construir estradas. Mas o que nós, nigerianos, precisávamos não era de soldados para nos comandar; precisávamos de uma democracia renovada. (ADICHIE, 2003, p.31)

O romance é marcado por várias passagens de violências, uma dessas é a que resultou no aborto da mãe de Kambili. Apesar da jovem e seu irmão estarem felizes com a chegada do (a) irmão (a), sua mãe não suporta o espancamento ocasionado pelo marido, mais uma vez por motivos completamente fúteis - desta vez, por não estar se sentindo bem para fazer uma visita ao padre.

Percebe-se, nessa passagem, a questão da alteridade presente nas obras de Chimamanda Adichie, que segundo Teotônio (2013, p.62) “Revela a tentativa da autora em aproximar o leitor, familiarizá-lo com as situações vividas pelos personagens.”

A alteridade se comprova em uma das passagens de violência doméstica, quando Beatrice depois de uma agressão vai até a casa de sua cunhada, Ifeoma, como uma forma de alívio para o seu sofrimento.

_Mama sentou-se com cuidado na beirada de uma cadeiras de junco. Ela olhou em volta com os olhos vidrados. Eu sabia que ela não estava vendo a foto com a moldura rachada ou os lírios africanos frescos no vaso oriental. [...] _O médico me mandou descansar, mas peguei o dinheiro de Eugene e pedi a Kevin que me levasse até o parque. Chamei o táxi e vim para cá.

_Você estava no hospital? O que aconteceu? _perguntou tia Ifeoma baixinho. [...]

_Sabe aquela mesinha onde guardamos a Bíblia da nossa casa, nne? Seu pai quebrou-a na minha barriga _disse, como se estivesse falando de outra pessoa, como se a mesa não fosse feita de madeira pesada. _Meu sangue escorreu todo por aquele chão antes mesmo de ele me levar ao St. Agnes. Meu médico disse que não pode fazer nada para salvá-lo. [...] (ADICHIE, 2003, p.262)

Outro fator importante na obra *Hibisco roxo* é a educação. Kambili e Jaja, desde cedo, foram educados nos melhores colégios da cidade. Por conta disto, para Eugene é inadmissível que os filhos tirem notas abaixo de dez.

Ele exige que os filhos se destaquem todo semestre como os melhores alunos da turma, pois desde muito cedo os pais lhes aplicam uma educação rígida, sem chances de desviarem do caminho.

A vida dos jovens irmãos se resume em estudo e devoção para com o catolicismo. Kambili é educada em uma escola rigorosa e, por ser uma escola regrada, foi que seu pai lhe ordenou concluir os estudos na instituição.

Os muros que cercavam a Escola de Ensino Médio Daughter of the Immaculate Heart eram muito altos, como os de nossa casa. Mas, em vez de fios elétricos espiralados, eles eram encimados por pedaços de vidro verde com pontas afiadas voltadas para cima. Papa dissera que aqueles muros haviam influenciado sua decisão quando eu terminara o ensino básico. Disciplina era importante, dissera. Não se podia permitir que os jovens escalassem muros para ir à cidade e se comportar

como loucos, como faziam os alunos das faculdades federais.
(ADICHIE, 2003, p.51)

Kambili, ao passar as férias escolares com a família na cidade de Abba, onde a família havia nascido, começa a descrever a ligação com seu avô paterno, o Papa-Nnukwu.

A cidade possui uma grande diversidade de povos e crenças. Crenças essas, que Eugene abomina e tenta fazer com que os filhos não tenham contato com as tradições da cidade de Abba, pois muitos moram em aldeias e vivem em condições precárias.

Nota-se, nesta passagem, a questão da diversidade presente nos romances de Chimamanda Adichie, que Teotônio (2013, p.63) comenta: “Adichie se preocupa em representar os vários lugares de uma Nigéria constituída pela diversidade, ao caracterizar os espaços urbanos e os indivíduos escolarizados e, muitas vezes, eurocêntricos.”. Kambili relata o momento em que, junto com a família, passa férias na cidade de Abba e retrata uma Nigéria diversificada.

A placa verde com os dizeres ‘Bem-vindo a Abba’ que indicava a saída da via expressa era fácil de não ver, por ser tão pequena. Papa pegou a estrada de carro de terra, e logo ouvi o som da parte de baixo da Mercedes arranhando a terra queimada de sol e repleta de buracos. Conforme passávamos, as pessoas acenavam e diziam o título de Papa: ‘Omelora!’. Casas de terra e sapê ficavam lado a lado com casas de três andares protegidas por portões de metal ornamentados. Crianças nuas e seminuas brincavam com bolas de futebol murchas. (ADICHIE, 2003, p. 62)

Seu avô é um homem fiel às tradições do povo nigeriano e mesmo com as proibições, por parte de seu pai, de não poder ter contato com pessoas e objetos que fazem parte dos cultos e das crenças tradicionais do povo nigeriano, Kambili descreve um carinho que floresce pelo seu Papa-Nnukwu, no decorrer da obra.

No entanto, nos primeiros contatos com seu avô, quando seu pai decide que ela e Jaja podem fazer uma visita a Papa-Nnukw, Kambili ainda é uma jovem que se tortura ao pensar nos castigos do pai se a mesma

desobedecesse às ordens por ele imposta. “Em Papa-Nnukwu, pode se observar, sendo o personagem tradicionalista, um discurso que critica o cristianismo. Tem-se, então, a oposição entre a religião cristã e o paganismo.” (TEOTÔNIO, 2013).

Jaja e Kambili entram em contato com a realidade de suas raízes, a partir de uma visita ao avô paterno, Papa-Nnukwu, onde, além de conhecerem um pouco mais sobre o ele, os irmãos, principalmente Kambili, puderam perceber uma nova realidade. Abaixo se tem o momento que os irmãos chegam à residência de Papa-Nnukwu:

Jaja abriu o portão de madeira de Papa-Nnukwu, que rangeu. O portão era tão estreito que Papa talvez tivesse de entrar na propriedade virado de lado, se algum dia fosse visitá-lo. A propriedade mal chegava a ter um quarto do tamanho de nosso quintal em Enugu. Duas cabras e algumas galinhas passeavam por ali, mordiscando e ciscando a grama seca. A casa que ficava no meio do terreno era pequena, compacta como um dado, e era difícil imaginar Papa e tia Ifeoma passando a infância aqui. Parecia as casas que eu costumava desenhar no jardim de infância: uma casa quadrada com uma porta quadrada no meio e duas janelas quadradas de cada lado. A única diferença era que a casa de Papa-Nnukwu tinha uma varanda, cercada de barras de metal enferrujadas. [...] Papa-Nnukwu estava sentado num banquinho baixo na varanda, com tigelas cheias de comidas [...] _Venham comer_ disse ele, inçando o tapete de ráfia. As tigelas esmaltadas continham fufu seco e sopa rala sem nenhum pedaço de peixe ou carne. Era costume convidar, mas Papa-Nnukwu já esperava que recusássemos – seus olhos brilhavam, marotos. _ Não, obrigado, senhor_ respondemos. (ADICHIE, 2003, p. 71)

Por conta da proximidade de Kambili e Jaja com o avô paterno, as coisas começam a mudar dentro de casa. Kambili, cada vez mais questionadora em relação às diferenças existentes entre religiões e questões sociais, acaba por esconder coisas de seu pai.

Seu avô a leva para ver o desfile religioso local e mesmo com o medo dentro de si, a jovem não deixa de se aprofundar nas relações com sua família paterna: seu avô paterno, sua tia Ifeoma e seus primos.

Um dos trechos mais marcantes do romance *Hibisco roxo* acontece quando, em uma de suas visitas a Papa-Nnukwu, Kambili e Jaja conhecem as tradições religiosas locais e decidem ocultar essa informação de seu pai. Ao

descobrir, o mesmo protagoniza a cena mais marcante de violência durante a obra. Mais uma vez se faz presente a questão da alteridade no romance, presente no trecho abaixo:

Entrei na banheira e fiquei parada, olhando para ele. Não parecia que Papa ia pegar um ganho, e senti o medo, ardente e inflamado, encher minha bexiga e meus ouvidos. Não sabia o que ele ia fazer comigo. Era mais fácil quando eu via o galho, porque podia esfregar as palmas das mãos e retesar os músculos das panturrilhas para me preparar. Mas Papa jamais me pedira para ficar de pé dentro da banheira. Então percebi a chaleira no chão, ao lado dos pés de Papa, a chaleira verde que Sisi usava para ferver água para o chá e para o garri, aquela que apitava quando a água começava a ferver. Papa apanhou-me.[...] Papa baixou a chaleira dentro da banheira e inclinou-a na direção dos meus pés. Deramou a água quente nos meus pés, lentamente, como se estivesse fazendo uma experiência e quisesse ver o que ia acontecer. Estava chorando, as lágrimas jorrando por seu rosto. Vi o vapor úmido antes de ver a água.[...] A dor do contato foi tão pura, tão escaldante, que não senti nada por um segundo. (ADICHIE, 2003, p. 206-207)

Uma das relações mais marcantes, de carinho e cumplicidade dentro da obra, é a de Kambili com sua tia Ifeoma. Uma mulher de personalidade forte que não aceita ser dependente de ninguém. Professora universitária que cria sozinha seus filhos de uma maneira completamente diferente da criação dada a Jaja e Kambili.

Ifeoma educa seus filhos dentro das regras da sociedade, porém ela deixa os mesmos livres para as escolhas, sem uma imposição, como a criação de Kambili e Jaja. Tudo que faz era pensando no melhor para seus filhos.

Ifeoma é uma personagem forte criado pela autora Chimamanda Adichie. Uma mulher que está a todo instante se questionando sobre a forma de como a minoria é tratada em uma Nigéria pós-colonial, onde a maioria das mulheres é silenciada por seus opressores, maridos e colonizadores.

Tia Ifeoma era alta quanto Papa, com um corpo bem-proporcionado. Andava rápido, como alguém que sabia exatamente aonde ia e o que ia fazer lá. E falava da mesma maneira que andava, como se quisesse dizer o máximo de palavras no menor espaço de tempo possível. (ADICHIE, 2003, p. 79)

Ifeoma, ao contrário da maioria, acredita que as mulheres precisam ter os mesmos direitos que os homens e critica a maneira com que o processo de colonização fica impregnado na cultura local, principalmente de como afetara diretamente seu irmão Eugene.

Mas você sabe que Eugene briga com as verdades das quais ele não gosta. Nosso pai está morrendo, ouviu bem? Morrendo. Ele é um homem velho, quanto tempo ainda tem de vida, gbo? Mas Eugene não o deixa entrar nesta casa, se recusa até a falar com ele. O joka! Eugene tem de parar de fazer o trabalho de Deus. Deus é grande o suficiente para fazer seu próprio trabalho. Se Deus for julgar nosso pai por escolher o caminho dos nossos ancestrais, então ele que faça o julgamento, não Eugene. (ADICHIE, 2003, p.105)

Amaka, prima de Kambili e filha de Ifeoma, possui quase a mesma idade da prima. Tem posicionamentos e indagações sobre o mundo assim como a mãe. Através desta personagem percebemos que a autora Chimamanda Adichie faz uma crítica à forte presença do cristianismo na sociedade local, pois Amaka está a todo instante levantando questionamentos sobre a religião dos ingleses terem mais validade que as crenças locais.

Mas então qual é o objetivo? – perguntou Amaka a padre Amadi, como se não houvesse escutado o que sua mãe dissera. – O que a igreja está dizendo é que só um nome inglês torna válida a nossa crisma. O nome ‘Chimaka’ diz que Deus é belo. ‘Chima’ diz que Deus sabe mais, ‘Chiebuka’ diz que Deus é o melhor. Por acaso eles não glorificam Deus da mesma forma que ‘Paul’, ‘Peter’ e ‘Simon’? (ADICHIE, 2003, p. 286)

A partir do contato e vivência de Kambili com a tia Ifeoma, percebe-se o encantamento da jovem para com a sua tia, que apresenta outro modo de ver e viver a vida, com uma filosofia tão livre de poder fazer suas próprias escolhas, pois antes Kambili nunca pensou que seria capaz de um dia poder escolher o seu próprio futuro, e quando ela viu que podia sim fazer escolhas, arriscar, errar e aprender com os erros a mesma se encanta com esse mundo novo e ela quer fazer parte disso. A tia Ifeoma, com toda certeza, foi quem despertou Kambili do mundo aprisionado em que vivia.

Há uma passagem que discorre à visão de mundos distintos de Ifeoma e Beatrice, a respeito da violência contra mulher. A tia de Kambili possui uma visão diferenciada a respeito da mulher africana que é submissa aos seus companheiros e defende a igualdade de direitos. Quando Beatrice sofre um aborto, um dos muitos apresentados na obra, ela ainda assim tenta justificar os erros de seu marido para Ifeoma.

_Você sabia que Eugene paga a mensalidade escolar de mais de cem pessoas? Sabe quantas pessoas estão vivas por causa de seu irmão?

_Não é disso que eu estou falando, e você sabe muito bem.

Para onde eu vou se sair da casa de Eugene? Diga, para onde eu vou perguntou Mama, sem esperar pela resposta de tia Ifeoma. _Sabe quantas mães empurraram suas filhas para ele? Sabe quantas pediram que ele engravidasse suas filhas, sem nem precisar se incomodar em pagar o preço de uma noiva?

_E daí? Diga...e daí? _retrucou tia Ifeoma, gritando. [...]

Lá vem você de novo com sua conversa de universidade, Ifeoma disse ela suavemente, virando o rosto para indicar que o assunto estava encerrado. (ADICHIE, 2003, p.264-265)

Fica nítido nessa passagem, como Beatrice e Ifeoma são mulheres com pensamentos que divergem. Beatrice representa a mulher que o feminismo tenta dissuadir a respeito da dependência, tanto emocional, financeira ou psicológica. Enquanto que Ifeoma carrega consigo os valores pregados pelo feminismo, de uma mulher forte, capaz e livre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desta monografia foram apresentados temas que seriam descritos no decorrer da mesma. Com o processo da tradição da literatura nigeriana, ocorreu o surgimento de autores renomados no cenário literário mundial, como a autora Chimamanda Adichie que escreve para dar voz a uma minoria, que por muitos anos foi silenciada. Ascendeu, também, o feminismo na África e, o reconhecimento da importância do movimento para resgatar a identidade própria das mulheres africanas.

Concluo através desta monografia que, apesar de toda opressão e sofrimento causado ao povo nigeriano, os escritores, por meio da literatura, conseguiram a liberdade de produzirem obras que resgatassem a origem de seus povos e, apresentassem uma identidade própria, apagada durante anos, pelos colonizadores.

Mostrou-se a luta das feministas africanas pela busca de uma identidade própria, para fugir dos estereótipos criados em relação às mesmas. Através de autoras africanas, como Adichie, foi possível observar a força que a mulher africana vem ganhando nas últimas décadas, por conta das diversas obras que exaltam a força delas, no decorrer da história.

Com a análise do romance, *Hibisco roxo*, notou-se a grandiosidade da autora Chimamanda Adichie, ao denunciar as opressões sofridas pelas mulheres no período pós-colonial. Adichie apresenta, em seu romance, uma Nigéria livre de estereótipos e resgata a beleza e identidade do seu povo, como observamos nas análises apresentadas no capítulo anterior.

Sendo assim, a presente monografia buscou analisar dentro da obra *Hibisco roxo*, como a autora retrata o feminismo, dentro da obra. Através das três personagens femininas, podemos observar que Beatrice representa a mulher duplamente colonizada, Kambili que está em um processo de descolonização e em busca de uma identidade própria e Ifeoma, que representa o feminismo da autora Adichie.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Hibisco roxo. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BAMISILE, Sunday Adetunji. Questões de gênero e da escrita no feminina na literatura africana contemporânea e da diáspora africana. Faculdade de letras, Lisboa, 2012.

BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. Mimesis, Bauru, v.19, n.1, p.07-23, 1998.

CARBONIERI, Divanize; FREITAS, João Felipe Assis de; SILVA, Sheila Dias da (Org.). Rumos do romance africano de língua inglesa na contemporaneidade. Revista Investigações, Pernambuco, v.26, n. 1, p. 2-37, jan. 2013. Semestral. Disponível em: <[HTTP://www.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/d0046a7a95a97910a4fd3eee08362e34.pdf](http://www.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/d0046a7a95a97910a4fd3eee08362e34.pdf)>. Acesso em: 20 de agost. 2017.

RESENDE, Roberta Mara. Gênero e nação na ficção de Chimamanda Ngozi Adichie. Universidade Federal de São João Del-Rei, 2013, p. 40 – 60.

SILVA, Sheila Dias da. Resistência feminina e feminismo africano em Without a name de Yonne Vera. Universidade Federal de Mato Grosso: Cuiabá, 2014.

SOARES, Natalia Tolega. O Feminismo africano e a escrita de Chimamanda Ngozi Adichie. Faculdade de ciências sociais e humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2014, p. 48 -52.

TEOTÔNIO, Rafaella Cristina Alves. Por uma modernidade própria: O transcultural nas obras Híbisco roxo, de Chimamanda Ngozi Adichie, e o Sétimo Juramento, de Paulina Chiziane. Universidade estadual da Paraíba, Campina Grande- PB, 2013, p.58- 64.

XVIII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC INTERNACIONALIZAÇÃO DO REGIONAL, 18, 2013, Campina Grande. TEOTÔNIO, Rafaella Cristina Alves. Por uma modernidade própria: o transcultural nas obras Hibisco Roxo, de Chimamanda Ngozi Adichie e O sétimo juramento, de Paulina Chiziane. Campina Grande: Realize, 2013. 11 p. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/revistas/abralicinternacional/trabalhos/Completo-Comunicação-Oral-indiscrito-593-6188c383826e024bbade87b654b074a5.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2017.